

O IMPÉRIO AQUÊMÊNIDA NA NARRATIVA DE ESDRAS-NEEMIAS

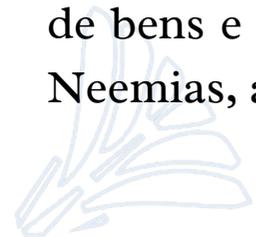


Santiago Colombo Reghin

“ASSIM FALA CIRO, REI DA PÉRSIA: IAHWEH, O DEUS DO CÉU, ENTREGOU-ME TODOS OS REINOS DA TERRA; ELE ME ENCARREGOU DE CONSTRUIR PARA ELE UM TEMPLO EM JERUSALÉM, NA TERRA DE JUDÁ. TODO AQUELE QUE, DENTRE VÓS, PERTENCE A TODO O SEU POVO, QUE SEU DEUS ESTEJA COM ELE E QUE SE DIRIJA PARA LÁ!” (2 CRÔNICAS 36:23)

O trecho supracitado conclui a última parte da Bíblia Hebraica, denominada de *Ketuvim* (“Escritos”, em hebraico), ao ser utilizado tanto para iniciar o livro de Esdras-Neemias (1:1-3) quanto para finalizar o livro de 2 Crônicas (36:23). Ambos os livros apresentam um relato histórico que se sobrepõe e dá continuidade à narrativa exposta entre Josué e Reis (a história deuteronomista), avançando até o momento pós-exílico, quando o rei persa Ciro II (c. 550-530 AEC), depois da queda do Império Neobabilônico (612-539 AEC), permite que os judaítas retornem à sua terra. Como a citação evidencia, o domínio do Império Persa Aquemênida (c. 550-339 AEC) foi essencial para a reorganização da comunidade judaíta em torno do segundo templo. Nosso objetivo é compreender a província de Judá no quadro mais amplo da administração aquemênida, sobretudo pelas referências à organização imperial mencionadas em Esdras-Neemias, um dos poucos livros da Bíblia que se dedica à situação de Jerusalém durante o período persa. A partir dessa perspectiva, argumentaremos ser possível identificar critérios mais objetivos para analisar a historicidade das informações no livro.

Na Bíblia Hebraica (Fig. 1), o livro de Esdras-Neemias — posteriormente dividido em dois livros (Esdras e Neemias) na Septuaginta, Vulgata e tradição cristã — relata os trabalhos de Zorobabel, Esdras e Neemias, judaítas apontados pelo rei para ocupar cargos importantes na província de Judá entre 539 AEC. até a segunda metade do século V AEC. Suas missões consistiram em restaurar o culto do Deus de Israel, reerguer as estruturas danificadas de Jerusalém e purificar a comunidade. A narrativa de Esdras-Neemias é constituída pela apresentação de supostos documentos persas, listas de bens e pessoas retiradas dos arquivos do Templo, assim como pelo relato dos feitos de Esdras e Neemias, alternando entre terceira e primeira pessoa.



O IMPÉRIO AQUEMÊNIDA NA NARRATIVA DE ESDRAS-NEEMIAS



Santiago Colombo Reghin

TRECHO DO CODEX DE LENINGRADO, O MANUSCRITO CONHECIDO MAIS ANTIGO DA BIBLIA HEBRAICA (1008 EC), CONTENDO O TEXTO DE ESDRAS 10, 24 A NEEMIAS 1,9. A LINHA BRANCA NA COLUNA CENTRAL INDICA A QUEBRA ENTRE OS TEXTOS



O enredo do livro pode ser dividido em três histórias. A primeira (Esdras 1-6) relata as consequências do decreto promovido por Ciro em 539 AEC (citado no início do ensaio), que ordenava o retorno dos judaítas exilados (na Babilônia) para Judá e a reconstrução do Templo. Para liderar tal empreitada, o rei apontou Zorobabel, governador de Judá, e Josué, sumo sacerdote. Estes, ao chegar em Jerusalém e começar a reconstruir as fundações do Templo, logo enfrentaram a contestação dos inimigos de Judá. Os principais opositores foram os samaritanos, que subornam os funcionários imperiais e frustram o projeto de reconstrução. Segundo o relato, foi apenas em 520 AEC, durante o reino de Dario I (522-486 AEC), que o decreto de Ciro foi redescoberto e a construção do templo foi completada.

Fonte: Imagem do manuscrito masorrético tiberiano, domínio público.
Disponível em <https://w.wiki/Ak4v> (acesso 26/07/2024).



O IMPÉRIO AQUÊMÊNIDA NA NARRATIVA DE ESDRAS-NEEMIAS



Santiago Colombo Reghin

A segunda história (Esdras 1–6; Neemias 8) relata a missão de Esdras, um sacerdote e escriba designado pelo rei persa Artaxerxes I (465–424 AEC) para ir da Babilônia a Jerusalém reintroduzir os costumes contidos na Torah. Ao chegar à cidade, Esdras descobre que os judaítas no local casaram-se com mulheres estrangeiras. Então, o escriba-sacerdote começou um programa de dissolução dos casamentos e a purificar a comunidade. Em seguida (Neemias 8), Esdras fez uma leitura pública da Torah, acompanhada de explicações, e o povo realizou a Festa do Tabernáculo, para lembrar os 40 anos do êxodo dos judaítas.

A última história (Neemias 1–6; 11–13) narra os feitos do copeiro do rei Artaxerxes, Neemias. Quando um conterrâneo lhe relata sobre a condição deplorável de Judá, sobretudo pelas muralhas de Jerusalém em ruínas, Neemias pede a autorização do rei para se afastar de seu cargo em Susa e ir à terra de seus descendentes. Artaxerxes, então, concede seu pedido e nomeia-o governador de Judá. Em Jerusalém, Neemias enfrenta a oposição dos representantes de Samaria, Amon e da Arábia, bem como de parte dos próprios habitantes da cidade. Os opositores objetam que a construção do muro representaria uma atitude insubordinada dos judaítas, indicando que começariam uma rebelião. Apesar das ameaças de ataques e de delação ao rei, Neemias, junto a seus aliados, reconstrói a muralha. Além disso, percebendo a miséria do povo, ele estabelece medidas para cancelar as dívidas, repovoar Jerusalém e reforçar o cumprimento da Torah.

Como é usual nos livros que compõem a Bíblia, a historicidade dos acontecimentos narrados em Esdras-Neemias é alvo de intensos debates. A apresentação das memórias dos personagens e de sete documentos (Esdras 3–6), que a narrativa afirma ser da chancelaria persa, foi tomada como uma evidência da fidelidade do relato, sobretudo porque seis desses documentos foram reproduzidos em aramaico, a língua administrativa do império. Entretanto, Lester Grabbe, em seus capítulos sobre Esdras e Neemias, argumenta que, embora documentos persas genuínos provavelmente tenham embasado as versões apresentadas, os redatores de Esdras-Neemias editaram o seu conteúdo para se adaptar aos propósitos da narrativa, como fica evidente pelas formas gramaticais tardias.

O IMPÉRIO AQUEMÊNIDA NA NARRATIVA DE ESDRAS-NEEMIAS



Santiago Colombo Reghin

Grabbe ainda salienta que o mesmo aconteceu com as memórias de Esdras (7–10) e Neemias (1–7, 5; 11, 1–2; 12, 31–43), visto que apresentam sinais claros de alterações. Por exemplo, temos a inserção de trechos das ações de Esdras dentro da narrativa de Neemias (Neemias 8), bem como há uma confusão sobre a sequência dos reis persas (Esdras 4, 17–22), quando Artaxerxes proíbe a construção do Templo, e Dario (que morreu cerca de 20 anos antes do reinado de Artaxerxes) continuou a obra. Ambas alterações sugerem uma tentativa dos editores de sincronizar os feitos de Neemias com os de Esdras. A partir disso, Grabbe conclui que, originalmente, Esdras e Neemias eram livros separados, de tradições independentes, que foram altamente modificados para serem integrados em uma unidade literária, provavelmente entre o fim do período persa e o início do período helenístico (323–32 AEC).

Apesar desses indícios de manipulação dos documentos persas e das memórias dos personagens envolvidos, é possível identificar uma base histórica na narrativa? Podemos utilizá-la para compreender a situação de Judá durante o domínio persa? Além disso, seria seguro tomar (parte) das informações sobre a administração imperial apresentada para compreender o funcionamento do Império Persa de forma mais geral? Anne Fitzpatrick-McKinley, em seu livro de 2015, oferece uma resposta menos cética sobre a historicidade de Esdras-Neemias. A autora argumenta que as três questões acima só podem ser respondidas se tomadas em conjunto. Dessa forma, é possível investigar a historicidade do relato somente quando compreendemos Judá como mais uma província integrada ao Império Persa Aquemênida.

Para adentrarmos no argumento de Fitzpatrick-McKinley, antes, precisamos compreender alguns aspectos da organização do império. Conforme destaca Peter Bedford, em obra de 2023, o Império Persa era dividido em grandes áreas administrativas, denominadas satrapias pelos autores gregos e *dahyāva*, em persa antigo, segundo as inscrições aquemênidas. As satrapias eram governadas por sátrapas (termo oriundo do persa antigo que significa “protetores do império”), geralmente de etnia persa, ligados à família real. Eles atuavam como os principais representantes do rei e ocupavam o posto hierárquico mais elevado nas áreas designadas.

O IMPÉRIO AQUÊMÊNIDA NA NARRATIVA DE ESDRAS-NEEMIAS



Santiago Colombo Reghin

As satrapias, por sua vez, eram subdivididas em províncias menores, denominadas *medinah*, segundo a terminologia presente nos documentos aramaicos do império e no livro de Ester. As províncias eram regidas por seus respectivos governadores, que respondiam aos sátrapas e eram responsáveis por angariar tributos e garantir a ordem local. Os governadores poderiam ser de origem persa, entretanto, o posto era ocupado mais frequentemente por membros das etnias locais.

Considerando o tamanho, a diversidade cultural e as dificuldades logísticas enfrentadas pelos impérios na Antiguidade, a estrutura administrativa do Império Persa mostrou-se eficiente e estável. Contudo, isso não impediu que as fronteiras ou subdivisões das satrapias mudassem de tempos em tempos, bem como o escopo dos poderes delegados a seus administradores. As próprias mudanças nesses parâmetros poderiam sinalizar não uma fraqueza do poder persa, mas uma estratégia da coroa para governar e controlar as comunidades locais (como detalharemos a seguir).

Dentro dessa estrutura administrativa, a província de Judá fazia parte da satrapia chamada Transeufratênia, usualmente referida nas fontes do império por meio do termo acadiano *Ebir-nāri* (“além do rio”), indicando as terras que estavam a oeste do rio Eufrates, isto é, a Fenícia, a Palestina e a Síria. Essa unidade administrativa foi formulada, provavelmente, durante o Império Neoassírio (911–609 AEC) e, posteriormente, foi absorvida pelo Império Neobabilônico, até, finalmente, tornar-se uma satrapia aquemênida. No período que nos concerne, essa satrapia era subdividida em províncias, como aquela das cidades fenícias (Tiro, Sidon, Biblos e Arado), das tribos e cidades Árabes, bem como as províncias os antigos reinos da região da Palestina (Judá, Samaria, Amon, entre outros).



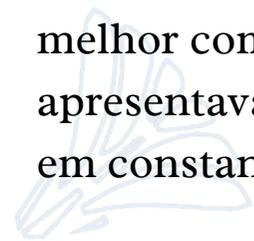
O IMPÉRIO AQUEMÊNIDA NA NARRATIVA DE ESDRAS-NEEMIAS



Santiago Colombo Reghin

Os redatores do livro de Esdras-Neemias tinham um certo conhecimento da organização imperial, ao diferenciar as satrapias das províncias, quando mencionam seus respectivos sátrapas e governadores (Esdras 8, 36). Outras instituições e cargos persas são relatados, como os arquivos que guardam as “memórias” do reino, o tesouro régio, os copeiros do rei e os escribas imperiais. O reconhecimento da submissão da província de Judá à administração imperial fica evidente por meio dos éditos e cartas mencionadas, que ditam as possibilidades e limites das ações de Esdras e Neemias. Elas envolvem a permissão para a reconstrução do templo e da muralha, o retorno dos exilados e dos bens valiosos armazenados na Babilônia, a concessão de poderes religiosos e políticos a figuras importantes (como Esdras, Neemias, Zorobabel etc.), a convocação da população judaíta para realizar doações ao templo, mas também a própria concessão de bens extraídos do tesouro real persa. O rei também limita as ações dos judaítas (Esdras 4, 7–24), quando, a pedido do governador da província de Samaria, Artaxerxes ordena a interrupção das obras na cidade, devido ao suposto histórico de insurgências de Jerusalém. Contudo, após encontrar o édito de Ciro nos arquivos régios em Ecbátana, Dario permite a retomada dos trabalhos, apesar da tentativa do sátrapa da Transeufratênia, Tatenai, de frustrar o projeto (Esdras 6).

A despeito da identificação em Esdras-Neemias do sistema administrativo mais geral do Império, Fitzpatrick-McKinley destaca que não podemos pressupor que as ações dos funcionários imperiais seriam regidas por uma política persa uniforme em todo o seu território. Pelo contrário, a comparação com outras satrapias destaca que, apesar de certas tendências gerais e da difusão de instituições e cargos administrativos, o império tenderia a se adaptar às organizações locais prévias, como uma estratégia para governar áreas tão diversas. Por isso, os governadores e administradores de províncias seriam, usualmente, oriundos da população local. Logo, se quisermos entender os fatores que regiam as ações do império e seus súditos, não podemos esperar que as mesmas medidas tomadas em satrapias com condições muito diversas, como a Babilônia ou o Egito, se apliquem ao caso de Judá. Por outro lado, analisar as províncias dentro da satrapia da Transeufratênia pode ser um exercício interessante para melhor compreender o livro de Esdras-Neemias, porque elas estavam sob o regimento do mesmo sátrapa, apresentavam condições geopolíticas semelhantes (por se localizarem na periferia do império) e estavam em constante relação entre si.



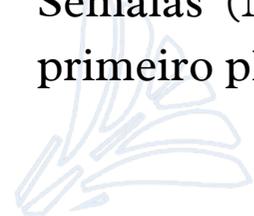
O IMPÉRIO AQUÊMÊNIDA NA NARRATIVA DE ESDRAS-NEEMIAS



Santiago Colombo Reghin

Fitzpatrick-McKinley destaca que o conflito entre Neemias e os administradores das outras províncias da Transeufratênia é um caso relevante a partir do qual se pode investigar as estratégias imperiais no local. Os principais opositores à restauração da muralha de Jerusalém promovida por Neemias são Sambalat, de Samaria, Tobias, de Amon, e Gosem, da Arabia. A autora argumenta que o motivo para tal oposição, que não está claro no livro, está enraizado na forma como as províncias da satrapia se relacionavam. Fontes extrabíblicas em aramaico do período persa indicam que a cidade de Samaria era uma *birta* (do aramaico, “capital” ou “forte”) da província de Samaria. Devido a esse status, a cidade hospedava um forte e o aparato administrativo, bem como era cercada e protegida por guarnições militares. Segundo as evidências arqueológicas, no início do Período Aquemênida, a província, na qual se construíram novas cidades, fortes e assentamentos, tornou-se densamente povoada. Os estudiosos tomam esses fatores como um indício da posição central que a província passou a ocupar na região da Transeufratênia. Desse modo, Samaria ampliou sua influência para as localidades vizinhas, como a Arábia, Amon e mesmo Judá, regiões governadas por líderes que, provavelmente, respondiam ao governador de Samaria.

A narrativa de Neemias aponta para essa direção. O texto não fornece um título para Sambalat, mas, segundo suas atitudes e poderes acumulados, ele seria provavelmente o governador de Samaria. Essa hipótese ganha força quando consideramos os papiros de Wadi Daliyeh e de Elefantina, que mencionam um Sambalat como governador em algum momento na segunda metade do século V AEC. Esses mesmos textos e um selo (Fig. 2) mostram que seus descendentes governaram a região até o século III AEC. Referente às outras províncias, um Gosem também é atestado em inscrições árabes. Quanto a Tobias, segundo a própria narrativa de Neemias, é um judaíta com o título de *ebed* (“servo imperial”) que possui uma proximidade com Jerusalém, não apenas por ser um Iahwista (pessoa que cultua Iahweh como Deus principal), mas por manter laços parentais com os nobres da cidade, como Semaías (Neemias 6, 10–18). Dentre esses líderes regionais, o relato de Neemias (3–4) coloca em primeiro plano as ações de Sambalat e indica que os demais estavam sob sua influência.



O IMPÉRIO AQUEMÊNIDA NA NARRATIVA DE ESDRAS-NEEMIAS



Santiago Colombo Reghin

Ao investigar essa dinâmica, Fitzpatrick-McKinley propõe que a narrativa bíblica destaca apenas uma parcela do objetivo de Neemias em Jerusalém: aquela referente à implementação da sua visão do Iahwismo, fundamentada no reconhecimento da lei mosaica e moldada pela experiência do exílio na Babilônia. Foi justamente esse aspecto que ofereceu um tema em comum a partir do qual os redatores tardios pudessem unificar a história de Neemias e as ações de cunho religioso de Esdras. Contudo, as reformas religiosas de Neemias não apresentam motivos suficientes para a coroa fornecer-lhe tamanho poder político e recursos. Com o conhecimento mais geral das questões políticas da região, podemos pressupor, junto a Fitzpatrick-McKinley, algumas das razões que fizeram o império apoiar Neemias. Conforme exposto anteriormente, a crescente influência de Samaria poderia representar um problema para a coroa, ao progressivamente subordinar os líderes da região a seu governador. Nessa linha, a autora argumenta que os persas buscaram restabelecer o equilíbrio de poder nessa região da Transeufratênica por intermédio de Neemias. Por isso, ele foi enviado, acompanhado de uma guarnição militar, para fortificar Jerusalém e transformá-la numa *birta*. Assim, de uma só vez, o império intensificaria a sua presença na cidade e enfraqueceria a rede de poder de Samaria.

A atribuição dessa missão a Neemias explicaria a reação negativa de Sambalat, Tobias e Gosem imediatamente após a sua chegada. De fato, quando observamos as medidas de Neemias — como a proibição dos casamentos com estrangeiros, a exoneração de dívidas e a valorização do sábado — percebemos o seu efeito na relação que Judá estabelecia com as províncias que a circundavam. Os casamentos diplomáticos eram de extrema importância, sendo uma das fontes de poder de Tobias em Jerusalém. A construção da muralha e o descanso imposto no sábado afetaram as relações comerciais com os estrangeiros que vinham negociar na cidade (Neemias 10, 31). Por fim, o perdão das dívidas e a restituição dos bens afetou os credores da região (Neemias 5, 1-13)

IMPRESSÃO DE UM SELO CONTENDO O NOME, EM ESCRITURA PALEO-HEBRAICA, DO GOVERNADOR DE SAMARIA, FILHO DE SAMBALAT II, DESCENDENTE DO SAMBALAT MENCIONADO EM ESDRAS-NEEMIAS



Fonte: Naham Avigad e Benjamin Sass (1997), The Corpus of West Semitic Stamp Seals (n. 419)

O IMPÉRIO AQUÊMÊNIDA NA NARRATIVA DE ESDRAS-NEEMIAS



Santiago Colombo Reghin

Esse conjunto de medidas também pode ser a causa da ira dos nobres de Judá contra Neemias, sobretudo aqueles que se beneficiavam das redes comerciais e diplomáticas envolvendo os nobres de outras províncias, como os aliados de Tobias.

Podemos adicionar ao argumento de Fitzpatrick-McKinley que, mesmo sem ter como confirmar a veracidade do relato de Esdras e Neemias em diversos pontos, é certo que a estrutura imperial aquemênida foi utilizada como pano de fundo para organizar toda a narrativa. Isso se deu porque a experiência imperial, por meio do contato com o sistema administrativo e a ideologia persa, impactou as fontes e os redatores do livro, influenciando a forma como eles imaginaram e relataram a sua história, a despeito de sua narrativa ser centrada em aspectos religiosos. Isso fica evidente pela exposição incidental do sistema administrativo persa em Esdras e pelos motivos políticos que guiaram as ações de Neemias e seus opositores.

Por fim, diante das observações acima, percebemos dois modos de relacionar o livro de Esdras-Neemias a fontes históricas extrabíblicas. Por um lado, podemos utilizar o conhecimento atual sobre o império para contextualizar os eventos no livro de Esdras-Neemias e analisar a sua historicidade. Por outro, quando submetido ao escrutínio crítico necessário, esse livro pode ser empregado como uma fonte importante para traçar as características do Império Aquemênida que não estão disponíveis em outras evidências, sobretudo em relação à sua atuação na Transeufratênia.

Santiago é doutorando em História Social (FFLCH-USP)
bolsa FAPESP (processo 2024/03481-4)

Bibliografia (Para saber mais):

AVIGAD, Nahman; SASS, Benjamin – Corpus of West Semitic stamp seals. Jerusalem: Institute of Archaeology, the Hebrew University of Jerusalem, 1997.

BEDFORD, Peter. The Satrapies of the Persian Empire: Ebir-nari/Syria. In: RADNER, Karen; MOELLER, Nadine; POTTS, Daniel (eds.). – The Oxford history of the ancient Near East Volume V: The Age of Persia. New York: Oxford University Press, 2023, p. 689–736.

FITZPATRICK-McKINLEY, Anne. – Empire, power, and indigenous elites: a case study of the Nehemiah memoir. Leiden: Brill, 2015.

GRABBE, Lester. Ezra. In: DUNN, James; ROGERSON, John (ed.). Eerdmans commentary on the Bible. Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 2003, p. 313–328.